

Presidente da Coreia do Sul declara lei marcial no país, mas recua



Militares tentam invadir a Assembleia Nacional da Coreia do Sul, em Seul, após o presidente Yoon Suk Yeol decretar lei marcial. Jung Yeon-ju/AFP

Presidente da Coreia do Sul decreta lei marcial e mobiliza Exército, mas recua após pressão

Yoon Suk Yeol tentou suspender liberdades políticas e mandou militares invadirem a Assembleia Nacional; medida acabou anulada após reação de deputados opositores, que falam em tentativa de golpe de Estado

Igor Gielow

SÃO PAULO O presidente da Coreia do Sul, Yoon Suk Yeol, foi derrotado na sua tentativa de amoldar a oposição com um decreto de lei marcial que pegou de surpresa o país asiático nesta terça-feira (3), jogando umas das nações mais prósperas do planeta em uma grave crise.

Cerca de duas horas após o anúncio em rede de TV e a mobilização do Exército, que suspendeu liberdades civis e invadiu o prédio da Assembleia Nacional, deputados de oposição comandaram uma reação legislativa.

Em uma votação unânime de 100 parlamentares (dos quais nenhum do governo), a oposição, majoritária no Congresso, derribou o decreto, conforme permite a Constituição.

Passadas mais de três horas, Yoon recuou e suspendeu a medida às 4h30 locais de quarta (16h30 de terça em Brasília). Ele disse que o Comando da Lei Marcial recuou. Logo depois, reuniu-se com seu gabinete, oficializando a medida. Os militares já haviam deixado o Parlamento, onde haviam protagonizado embates com assessores munidos de extintores de incêndio. Houve invasão de salas, e janelas foram quebradas.

Milhares de pessoas enfrentaram a temperatura em torno de 0°C para protestar contra Yoon e pedir a prisão do presidente. A pressão veio de dentro e de fora: tanto o seu partido quanto os Estados Unidos, principal aliado de Seul, pediram que ele acabasse a lei. Mais tarde, a Casa Branca expressou alívio com a decisão.



Área: 99.720 km² (pouco maior do que Pernambuco)

População: 51,7 milhões (14% a mais do que no estado de São Paulo)

PIB: US\$ 1,7 trilhão (do Brasil é US\$ 2,2 trilhões)

PIB per capita\*: US\$ 54,033 (do Brasil é US\$ 20,584)

IDH: 19 no ranking de 193 países (Brasil é 89º)

\*Considerando paridade do poder de compra. Fontes: CIA World Factbook, Banco Mundial, PHD e IBGE

A crise teve um desfecho expresso, mas fica incerto o futuro da relação de Yoon com a oposição e a sociedade. A Confederação dos Sindicatos da Coreia, mais poderosa entidade de trabalhadores do país, convocou uma greve geral nesta quarta (4) para pedir a renúncia do presidente.

Mesmo aliados de Yoon buscaram se distanciar de suas ações. Logo após a decretação da lei marcial, Han Dong-hoon, presidente de seu partido, o Poder do Povo, disse não concordar com a medida. Depois da votação no Parlamento, o líder da sigla na Casa, Choo Kyung-ho, disse que desconhecia o plano do chefe do Executivo e que só não votou a moção porque foi impedido de entrar no plenário por soldados.

Yoon afirmou em seu pronunciamento que a oposição estava travando o funcionamento do país, devido a seu bloqueio da peça orçamentária de 2025 e dos pedidos de impeachment de procuradores nomeados pelo governo. Além disso, disse que os opositoristas estavam trabalhando em favor da Coreia do Norte, com quem Seul vive um estado de guerra congelado desde o armistício que encerrou três anos de combates e dividiu a península coreana em 1953.

"Eu declaro lei marcial para proteger a livre República da Coreia da ameaça das forças comunistas da Coreia do Norte, para erradicar as desprezíveis forças antiestatais pró-Coreia do Norte que estão pilhando a liberdade e a felicidade do nosso povo, e para proteger a ordem constitucional", disse Yoon.

O general Park An-su, chefe do Estado-Maior do Exército, assumiu o Comando de Lei Marcial e divulgou regras draconianas: proibição de atividade legislativa, banimento de liberdades civis, supressão da liberdade de imprensa, prisão sem mandato de transgressores.

País tem histórico de golpes desde pós-guerra

Período autoritário A Coreia do Sul foi fundada em 1948 e foi governada de forma autoritária pelo presidente Syngman Rhee até 1960, quando ocorreu a Revolução de Abril. No ano seguinte, o major Park Chung Hee instaurou um regime militar.

Transição para a democracia Em 1988, os sul-coreanos elegeram o primeiro presidente por voto direto em 16 anos: o general Roh Tae-woo. Nos anos posteriores, a democracia se consolidou: em 1992, Kim Young-sam foi eleito o primeiro presidente civil do país em três décadas.

Conjuntura atual Desde a democratização, liberais e conservadores têm se alternado no poder. O atual presidente, Yoon Suk Yeol, foi eleito em março de 2022 com apenas 0,73% dos votos à frente do segundo colocado.

Tal medida não era evocada no país asiático desde o golpe de Estado de 1979, um dos vários de sua história, e durante repressão a protestos no ano seguinte.

A situação começou a se acalmar com a votação, que ocorreu à 1h de quarta (13h de terça em Brasília). O presidente da Casa, Woo Won-sik, disse que os militares deveriam cumprir a ordem legislativa. Enquanto isso, a manifestação do lado de fora crescia.

A crise foi o ápice de um conflito que se desenhou desde abril, quando a oposição liderada por Lee Jae-myung venceu eleições legislativas. Seu Partido Democrático soma 170 dos 192 assentos contrários ao governo, que tem 108 deputados.

A mais recente querela, sobre orçamento e pedidos de impeachment, é considerada por adversários de Yoon uma cortina de fumaça para tirar foco de escândalos envolvendo aliados e sua mulher, criticada por aceitar uma bolsa de luxo e acusada de manipular o mercado de ações.

O extremo buscado presidente causou espanto. Lei marcial geralmente é evocada em tempos de guerra, como na Ucrânia. Nela, poderes discricionários são passados para as Forças Armadas, com ou sem controle civil delas.

A aprovação de Yoon —um ex-promotor alçado à fama pelas investigações que culminaram com a prisão da então presidente Park Geun-hye— havia caído aos piores níveis desde que assumiu o governo, em 2022. Na semana passada, o instituto Gallup Korea apontou que apenas 19% dos sul-coreanos o apoiam.

Veículo: Impreso -> Jornal -> Jornal Folha de S. Paulo

Seção: Mundo Caderno: A Pagina: 32